Desperdício de alimentos

Viés perigoso

Eduardo Daher*

PARA ATENDER a demanda mundial de alimentos no ano de 2050, a produção global de cereais precisará crescer quase 1 bilhão de toneladas por ano, em relação aos 2,1 milhões de toneladas de hoje; e quanto à carne, será necessário passar das atuais 200 milhões de toneladas para 470 milhões. A projeção, elaborada pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) acrescenta que, em termos de recursos financeiros, os países pobres – onde vivem, atualmente, cerca de 870 milhões de pessoas, 12,5% da população mundial, em estado de desnutrição crônica – precisarão de investimentos que somam US$ 44 bilhões por ano, em auxílios. O valor representa cinco vezes mais do que os atuais US$ 7,9 bilhões anuais que correntemente são aportados.

Mas, um argumento equivocado tem surgido a partir de matérias genéricas e superficiais sobre um recente estudo denominado "Global Food: Waste not, Want not". Este trabalho foi elaborado pela Institution of Mechanical Engineers, organização inglesa que reúne 100 mil membros engenheiros. O eixo da reflexão aponta a necessidade de investimentos em inovações tecnológicas com o objetivo de ampliar a produtividade nas atividades agropecuárias e aumentar a produção de alimentos. No entanto, as interpretações apressadas deslocam a questão para o lado da redução dos recursos naturais.

O viés perigoso a partir da leitura desatenta do trabalho é considerar que os países, no momento, já produzem alimentos em quantidade suficiente. O problema é eles não chegarem a todas as pessoas devido ao elevado grau de desperdício no consumo pelas sociedades. Isso causa os graus de desnutrição alertados pela FAO. Na verdade, o conteúdo do documento revela a falta de alimentos não devido à superprodução mundial de alimentos e, sim, ao desperdício provocado pela "falta de conscientização" de consumidores com poder aquisitivo. Acertadamente, o estudo dos engenheiros britânicos reforça a importância do aprimoramento tecnológico para a produção de alimentos.

O estudo critica os critérios adotados pelos consumidores de maior renda na escolha de produtos e alimentos diferenciados pelas suas aparências, sem considerar os valores nutricionais. Existem outras causas de desperdício apontadas pelo trabalho. É o caso do pouco tempo de exposição nas prateleiras, em decorrência dos prazos de validade exageradamente rigorosos, assim determinados por órgãos regulatórios. A infraestrutura inadequada de transportes e armazenamento, principalmente na cadeia de frios, é outro problema. E cabe acrescentar, ainda, dois fatores: um deles relacionado a características inerentes à atividade agrícola; e outro que reforça os dados da FAO relativos à importância estratégica dos investimentos em pesquisa e inovação (P&D).

As intempéries climáticas frustram, frequentemente, as colheitas mesmo em potências agrícolas. Os Estados Unidos, por exemplo, como se registrou na sua safra 2012/13, tiveram uma das maiores secas da história, com a quebra de 120 milhões de toneladas entre as culturas de milho e soja. Os agricultores norte-americanos não sofreram uma brutal derrocada financeira por causa da competente política de seguro rural forjada desde a primeira metade do século passado.

Como registro último, fica a baixa produtividade das culturas em países pobres e em desenvolvimento. Grande parte das áreas mais pobres do planeta está localizada justamente na zona rural, onde é reduzida adoção de tecnologias: sementes híbridas melhoradas e geneticamente modificadas; mecanização; irrigação; fertilizantes; defensivos agrícolas; e armazenagem. Vale destacar a importância dos defensivos agrícolas para os ganhos de produtividade – os números (*vide quadro ainda nesta página*) representam as médias apuradas; em alguns casos, as perdas podem chegar a 100%. ■

Defensivos agrícolas: danos evitados

Causa de dano	Com proteção de cultivos	Sem proteção de cultivo	Total
Plantas daninhas	13,2%	4,2%	**17,4%**
Pragas	15,6%	16,4%	**32,0%**
Doenças	13,3%	7,0%	**20,3%**

Fonte: Andef

*Diretor executivo da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef)